

ANÁLISE OPERACIONAL DE ESQUEMAS CONTEXTUAIS: O CAMPO LEXICAL E A MOLDURA

Enilde Faulstich
Universidade de Brasília
Centro Lexterm
enildef@terra.com.br

RESUMO: Subjacente ao funcionamento da língua, as estruturas lexicais, de ordem sintática, organizam-se, principalmente, por meio de unidades, segundo as funções e as relações que mantêm na elaboração dos argumentos discursivos. Para nossa discussão, escolhemos dois tipos de estrutura que explicam como as unidades lexicais se organizam: de um lado, o tratamento que a lexicologia estrutural dá ao conjunto de significados – o Campo Lexical – com apoio na teoria de Eugenio Coseriu; de outro, a teorização da semântica cognitiva de Charles Fillmore, com ênfase nos conceitos de Moldura (Frame). Antes de discutir a natureza teórica e metodológica do campo lexical e da moldura, nós discutiremos o conceito de ‘esquema’, que contribui para ampliar o objetivo deste artigo. Com esse propósito, nosso objetivo é discutir, à luz da estruturação do léxico, como as unidades lexicais se organizam na construção de um plano discursivo coerente.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicologia. Campo lexical. Semântica estrutural. Semântica funcional. Tipologia de campos vocabulares.

ABSTRACT: Underlying the functioning of the language, structures lexical, syntactic order, organize themselves, mainly by units, according to the functions and the relationships in the elaboration of discursive arguments. For our discussion, we chose two types of structures that explain how lexical units are organized: on the one hand, addressing the structural lexicology gives the set of meanings - the Lexical Field - with support on the theory of Eugenio Coseriu, on the other, the theory of cognitive semantics of Charles Fillmore, with emphasis on the concepts of frame (frame). Before discussing the methodological and theoretical nature of the lexical field and frame, we discuss the concept of 'scheme', which helps to enlarge the scope of this article.

For this purpose, our goal is to discuss, in light of structuring the lexicon, such as lexical units are organized in the discursive construction of a coherent plan.

KEYWORDS: Lexicology. Lexical field. Structural semantics. Functional semantics. Types of lexical fields.

Introdução

Na primeira parte deste artigo, nós apresentaremos os pontos de vista de Coseriu (1973) e de Fillmore (1977) sobre o conceito de esquema. Na segunda parte, examinaremos os conceitos de campo lexical e de moldura, a fim de responder às questões seguintes: o campo lexical é esquema? O campo lexical é moldura? O campo lexical é mecanismo de coesão? Finalmente, acentuaremos a importância ou não da contextualização para a formação dos campos lexicais.

Ao ampliar a discussão sobre o sistema e a norma, Coseriu (1973, p. 100) declarou que era possível chegar a uma abstração para além do sistema, que poderia chamar-se, segundo um termo hjelmsleviano, esquema. Para ele, no esquema, subsistem somente funções puras, com relações algébricas de quantidades vazias. Esta sincronia pura e integral estaria, segundo o autor, fora da história e mesmo fora do campo da linguagem (e da linguística), transformando a investigação em si em um estudo da mentalidade dos povos, de uma “forma interior”, mais lógica que linguística. Essa abstração seria útil na compreensão da “gramática geral” e na comparação estrutural entre línguas, dado que os quadros lógicos poderiam se aplicar a mais de uma língua.

Para Fillmore (1977), a noção de esquema é equivalente à de um «schemata conceptual» ou «framework», quer dizer, à de um quadro de ação ou de um contexto maior, dentro do qual cada item lexical tem uma significação própria. Esse quadro se organiza, por consequência, a partir de um conjunto de noções ou de pistas que se tornam necessárias para a caracterização de um acontecimento, como, por exemplo, uma mensagem publicitária.

Observemos que as noções de esquema de Coseriu e de Fillmore, que parecem estar em oposição conforme o tratamento dado

ao objeto linguístico, aproximam-se, de uma certa maneira, mais de forma lógica do que linguística, por meio dos conceitos subjacentes. De toda maneira, é possível deduzir, *a priori*, que o esquema de Hjelmslev não forma a base para o campo lexical coseriano, enquanto o esquema conduz à compreensão do conceito de moldura.

1. Percepção de campo lexical

Segundo a visão estruturalista de Coseriu (1977, p. 135-136), um campo lexical é um conjunto de lexemas unidos por um valor lexical comum (valor do campo) que esses lexemas repartem entre si com valores mais determinados, ao mesmo tempo em que se opõem uns aos outros pelas diferenças mínimas do conteúdo lexical (traços distintivos lexemáticos ou semas). Em outras palavras, podemos dizer que um campo lexical é, do ponto de vista estrutural, um paradigma que resulta da repartição de um conteúdo lexical contínuo entre diferentes unidades de uma dada língua, entendidas como palavras; o conteúdo se opõe, imediatamente, uns e outros, por meio de traços distintivos mínimos. Frequentemente, um campo é representado por uma “palavra arquilexêmica” - o arquilexema ou arquiuinidade – que corresponde ao valor unitário do campo. Às vezes, no campo lexical, o arquilexema é representado pelo sinal que corresponde a um ponto [...], para significar um espaço lexical vazio, porém o conteúdo semântico é preenchido pelos valores de outras unidades do campo.

Entre uma arquiuinidade e outra, expressa ou não dentro do campo, pode haver uma oposição imediata, como, por exemplo, entre os arquilexemas **arma de fogo** e **arma branca**, como demonstra Faulstich (1980, p. 74-75). Este tipo de oposição pode ser definida como transitiva, pois os dois lexemas apresentam semas comuns, já que pertencem ao mesmo domínio de significação – ‘arma’.

É possível haver oposição entre um arquilexema e um lexema. Nesse caso, a própria estrutura hierárquica marca a oposição entre as unidades, quando, então, o conteúdo semântico do arquilexema é mais abrangente que o do lexema, como em **cena de violência** e **briga**. A relação é hiponímica, porque um sentido menor está contido num maior

Por outro lado, dois lexemas que não têm nenhum sema em comum não se superpõem. Dizemos que este tipo de oposição é disjuntiva.

Coseriu admite, em sua tipologia de campo, que um campo pode estar incluso em outro de ordem superior. Para ilustração, servimo-nos do lexema **agredir** [...agredem qualquer pessoa que não obedeça às suas ordens...] em que **executar** [Daí em diante passaram e executar todos os mendigos...] e **esfaquear** [Depois de uma discussão, esfaqueou o amigo], com significados mais restritos em relação a ‘agredir’, vão estruturando um campo lexical inclusivo, como vemos em Faulstich (1980, p. 58). Isso quer dizer que, no interior do campo, as oposições se organizam entre os lexemas; entretanto, campos menores podem se opor aos campos maiores, por estes serem detentores de arquilexemas mais abrangentes.

Ao apresentar os fundamentos para a estrutura de lexemas em campos, Coseriu chama atenção para uma tipologia interna, porque os campos são estruturas. É preciso dizer que as relações internas de um campo lexical, como estrutura de conteúdo, são determinadas pelas identidades e pelas diferenças que constituem o campo de fato e pelas oposições semânticas que funcionam ali dentro. Em consequência, a tipologia de campos lexicais deve basear-se na classificação das oposições lexemáticas.

De acordo com as formas de oposição, Coseriu classifica os campos lexicais em três categorias diferentes:

1. segundo a configuração;
2. segundo o sentido de objetividade;
3. segundo a expressão.

Veremos, em primeiro lugar, a configuração dos campos lexicais e, em seguida, daremos breves noções do sentido de objetividade e de expressão.

Configuração de campos lexicais é o modo segundo o qual os lexemas são ordenados e inter-relacionam-se nos paradigmas lexicais. A configuração depende, em primeiro lugar, do número de dimensões semânticas que funcionam nos campos e, em segundo lugar, dos tipos formais das oposições estabelecidas em relação a essas dimensões. A

dimensão é o ponto de vista, ou o critério, de uma oposição que contém o conteúdo semântico dos lexemas. Com base nas dimensões que organizam os campos, eles podem ser de dois tipos mais gerais: os campos de dimensão única – os unidimensionais - e os campos de diversas dimensões – os pluridimensionais (cf. COSERIU, 1973). Segundo a objetividade, os campos lexicais se baseiam nos tipos ontológicos de oposições substantivas e oposições relacionais, que dão os nomes aos campos.

Finalmente, conforme a expressão, os campos podem ser classificados de acordo os critérios afins de regularidade e de recursividade dos lexemas.

Na teoria, E. Coseriu acentua que os campos lexicais não são campos de objetos, nem coincidem com campos conceituais, também não são campos associativos, porque estes são “centrífgos” em relação aos significados das palavras, enquanto os campos lexicais são “centrípetos”.

2. Schemata conceptual

Na linha da tradição dos questionamentos semântico e sintático, Fillmore retoma (1977) o conceito de caso profundo, nove anos depois do seu livro “Case for case” (1968). A noção de caso profundo, no entorno da semântica gerativa, faz parte do que é chamado de semântica interna, em oposição à semântica externa. Na semântica interna, as relações são sintagmáticas e não paradigmáticas, pois os casos profundos estão entre os tipos de relações semânticas que os elementos de estrutura da frase têm uns em relação aos outros no contexto, e não com o sistema de contraste e de oposições, que diferencia os constituintes de uma maneira paradigmática. Segundo a teoria, é no nível das relações de caso profundo que a organização linguística se faz, por meio do reencontro das propriedades da estrutura lexical e da organização da frase³⁸. Essa organização produz as descrições, de certa forma intuitivamente, numa relação direta com os modos de pensar das pessoas, conforme as experiências e os acontecimentos expressos nos

³⁸Cf. Síntese de Teixeira, 1987, p. 29-34

usos linguísticos pelas frases. Para Fillmore, é preciso compreender que a organização da frase deve ser vista como um **framework**. Por isso, ele ressalta a análise dos papéis dos participantes de uma situação e reconhece que esses elementos são necessários como parte de uma análise geral de **cenas**, que são comunicadas pela fala. Evidencia, entre suas proposições de caso, o de **agente** que identifica o papel de um participante ativo em um acontecimento em que os itens lexicais favorecem a escolha da perspectiva determinada pelo acontecimento, como a ação de um acontecimento comercial, em que as atividades de vender, comprar, pagar são postas em primeiro plano, dependendo da ação do agente.

A partir daí, na teoria de Fillmore, os significados se relativizam em cenas: ele esclarece que nós escolhemos e compreendemos as expressões porque nós temos ou ativamos em nosso espírito cenas, imagens, lembranças ou experiências nas quais a palavra ou a expressão tem a função de nomear, descrever ou classificar.

Enquanto Coseriu traça um paralelo entre a estrutura do sistema lexical e a do fonológico para demonstrar que as relações entre os termos, em um campo lexical, são análogas às relações entre os fenômenos em um sistema vocálico ou consonântico, Fillmore estabelece uma analogia por relação: os campos têm outras noções que implicam significados das palavras. Assim, para o autor (1977) o conceito de campo semântico pode ser entendido no âmbito da noção de esquema, e o conceito de campo vocabular pode ser identificado com a noção de frame (ou moldura). Dessa forma, o esquema de “cor” identifica o campo semântico dos termos de cores; o esquema de acontecimentos comerciais forma a base do campo vocabular de “comprar e vender”. Para ele, alguns tipos de definições, que são dadas para certos tipos de atividades corporais, não são compreensíveis se não assumimos a existência do esquema, como, por exemplo, do corpo, que deve ser interpretado em termos de protótipo. Fillmore extrai de E. Nida o exemplo seguinte : em seu sentido de protótipo, seja L um pé humano e R o outro. Nesta sequência de símbolos, um determinado pé está no solo. A letra O corresponde ao momento em que nenhum pé está no solo.

Uma noção de protótipo da locomoção humana seria:

- saltar só com um pé (“hop”) – LOLOLO ...
- saltitar (“skip”) - LOLOROLOLORORO...
- correr (“run”) - LOROLORO...
- marchar (“walk”) - LRLRLR...

A cena de protótipo, associada a cada uma das ações, inclui os componentes descritos e a idéia de que o produto de cada ação é alguma coisa linguística: “saltar” é diferente de “correr”, que é diferente de “marchar”, que é diferente de “saltitar”.

Em um trabalho posterior (1978), Fillmore levanta uma série de questões relativas à informação semântica pelo léxico e remarca que a estrutura lexical mais discutida é a de campo de palavras ou domínios semânticos. Os estudos de campo de palavras consideram o vocabulário de qualquer domínio particular e classifica os traços semânticos que servem para distinguir uma palavra das outras. São tipos de campos para Fillmore (1978):

- SÉRIE DE CONTRASTES, do tipo auto/baixo; vivo/morto;
- TAXINOMIA, em que as palavras se relacionam umas com as outras por meio da relação de super-ordenação;
- PARTONÍMIA, em que as palavras se estruturam por meio da relação parte-todo, como, uma unha faz parte de um dedo; um dedo faz parte da mão etc.;
- QUASE-PARTONÍMIA, na qual a parte da relação não é transitiva;
- PARADIGMA, o mais conhecido e discutido tipo de estrutura, como a distinção entre homem e mulher, rapaz e moça;
- CICLO, como primavera, verão, outono, inverno;
- CADEIA ou CORRENTE, como os graus da hierarquia militar;
- REDE, como a que se forma na terminologia de parentesco;

- MOLDURA, que o autor considera o tipo de campo central e o mais organizado entre todos os tipos de campos.

Nesse sentido, uma moldura é um grupo lexical cujos membros classificam uma parte ou aspectos de um todo conceitual ou de uma ação. Em outras palavras, os itens de uma moldura são compreensíveis por qualquer um que tenha acesso conceitual ao esquema fundamental no qual as partes da moldura se encaixam. E mais, o exemplo citado é o de um acontecimento comercial em que uma grande série de palavras se encaixa em diversas partes e aspectos do esquema deste acontecimento: comprar, vender, pagar, gastar, custar, receber, debitar, preço, dinheiro, moeda etc.

Mediante a configuração de cada uma das estruturas e o uso frequente de uma nomenclatura inconsistente, na linguística, nós apresentamos a questão seguinte: o campo lexical é moldura? Se retomarmos o ponto de vista estruturalista de Coseriu, nós diremos que campo lexical não é moldura. Esta é de natureza sintagmática, e o campo lexical é paradigmático; o campo lexical é de natureza opositiva e a moldura é de natureza transitiva; o campo lexical, de acordo com as formas de oposição, possui uma configuração e, por consequência, uma dimensão, podendo ser unidimensional ou pluridimensional; na organização da moldura, os itens lexicais podem apresentar a forma de outros tipos de campos, mas requerem, por sua especificação semântica, um detalhe preliminar, que é a natureza do esquema conceitual associado.

3. Campo lexical e coesão

Agora, apresentamos a seguinte questão: o campo lexical é, no discurso, um mecanismo de coesão?

Este assunto será discutido com maior profundidade num próximo artigo nosso, no entanto é possível apresentar breve reflexão sobre a questão. O excerto seguinte poderá demonstrar, brevemente, se o campo serve ao propósito questionado:

“As feras estão à solta neste inverno. Nas cores clássicas de leopardo ou em variações de cinza e preto, a estampa felina avança em roupas e acessórios. Estampadas de onça, as mulheres ficam poderosas e irresistíveis. Um segredo descoberto nos loucos anos 20, quando o máximo era usar casacos de pele de leopardo...”³⁹

No texto, as expressões *feras*, *leopardo*, *felina*, *onça* emolduram o significado das palavras, tirando-as do campo puro da zoologia e incluindo-as no campo da zoosemia. De outro lado, “inverno e casacos de pele” estão numa relação inclusiva, em que o significado do último está contido no do primeiro pelo evento que o texto evoca.

Em conclusão, nós consideramos que o campo lexical, pela estrutura e organização, sob o ponto de vista de Coseriu, se baseia em tipos “ontológicos” de oposições que os constituem. Para o autor, o léxico estruturado de uma língua não é uma superfície plana, porque a realidade designada muda a dimensão e a configuração do campo.

De outro lado, os conceitos de “pôr em perspectiva de cena” e de “protótipo” conduzem à noção de moldura (ou frame), porque os itens lexicais lançam-se em direção às expectativas de significado de todo o texto, inserindo-o num universo contextual de interação. Parecemos, por fim, ser possível relacionar a natureza do campo lexical mais aos fatores “êmicos”, enquanto a natureza da moldura estaria relacionada aos fatores “éticos”.

³⁹Excerto extraído de texto publicitário de revista das Lojas Renner S.A., Inverno 2011, p. 9, sob a direção geral de Jussara Romão.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. A. Lexicologia: aspectos estruturais e semântico-sintáticos. In: *Manual de lingüística*. Petrópolis, Vozes, 1979, p.81-125.
- COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid, Gredos, 1973.
- COSERIU, E. *Principios de semántica estructural*. Madrid, Gredos, 1977..
- FAULSTICH, E. *Lexicologia - a linguagem do noticiário policial*. Brasília, Horizonte, 1980.
- FAULSTICH, E. SALLES, H. M. M. L., CARVALHO, O. RAMOS, A. A. L. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília, MEC/SEESP, 2002.
- FILLMORE, Ch. The case for case. In: BACH, E. and HARMS, R. (Eds.). *Universals in linguistic theory*. Holt, Rinehart and Winston, N. Y. 1968.
- FILLMORE, Ch. The case for case reopened. In: COLE, P.; SANDOCK, J. (Orgs.). *Syntax and Semantics 8 : Gramatical relations*. Nova Iorque, Academic Press, 1977.
- FILLMORE, Ch. On the organization of semantic information in the lexicon. In: *Papers from the parasession on the lexicon*. Chicago, Chicago Linguistic Society, 1978, p. 148-173.
- NEVES. M. H. M. (Org.). *Gramática de casos*. Araraquara – SP, UNESP, 1987.
- TEIXEIRA, R. F. A. Fillmore: a relativização dos casos em cenas. In: NEVES. M. H. M. (Org.). *Gramática de casos*. Araraquara – SP, UNESP, 1987, p. 25-43.